

ENSAIO TEÓRICO

OS CANTOS XAKRIABÁ E A RETOMADA DA LÍNGUA AKWĒ

Ana Paula Santos RODRIGUES  

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal
do Rio de Janeiro (UFRJ)
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Manoel Antônio de Oliveira SILVA  

Diretoria – Escola Indígena Xakriabá Xukurank (Aldeia Barreiro Preto)
São João das Missões, Minas Gerais, Brasil



OPEN ACCESS

Todo conteúdo de *Cadernos de Linguística*
está sob Licença Creative Commons CC -
BY 4.0.

EDITORES

– Ana Vilacy Galúcio (UFPA)
– Angela Chagas (UFPA)

AVALIADORES

– Isabella Coutinho (UERR)
– Jorge Domingues Lopes (UFPA)

SOBRE OS AUTORES

– Ana Paula Santos Rodrigues
Conceptualização; Investigação;
Metodologia; Aquisição de
Financiamento; Escrita – Rascunho
Original; Escrita – Análise e Edição.
– Manoel Antônio de Oliveira Silva
Conceptualização; Investigação;
Metodologia; Aquisição de
Financiamento; Escrita – Rascunho
Original; Escrita – Análise e Edição.

Recebido: 01/08/2023

Aceito: 27/01/2024

Publicado: 29/03/2024

COMO CITAR

RODRIGUES, A.P.S.; SILVA, M.A.O. (2024).
Os cantos xakriabá e a retomada da língua
akwĒ. *Cadernos de Linguística*, v. 5, n. 1,
e691.



VERIFICAR
ATUALIZAÇÕES

RESUMO

O território Xakriabá está localizado no município de São João das Missões, norte do estado de Minas Gerais. Essa região sofre, desde o fim do século dezessete, com uma forte pressão colonial, que ensejou uma longa perseguição à cultura Xakriabá e à sua língua originária, o akwĒ, do tronco linguístico macro-jê. Este trabalho discute as estratégias de retomada do akwĒ Xakriabá, com foco nos cantos, que são o lócus de maior vitalidade desta língua. Na primeira seção, abordamos a história do povo Xakriabá e a perseguição da língua originária; posteriormente, apresentamos as estratégias de revitalização adotadas, seguidas da transcrição de cinco cantos em akwĒ. Refletimos, por fim, sobre o papel dos cantos e da espiritualidade nas retomadas de línguas indígenas. Este ensaio é fruto de uma articulação entre nossos estudos, realizados a partir do método etnográfico, o que inclui participação em atividades no território Xakriabá, realização de entrevistas e pesquisa bibliográfica.

ABSTRACT

The Xakriabá territory is located in São João das Missões, a village in the North of Minas Gerais. This region has suffered, since the end of the seventeenth century, with a strong colonial pressure, initiating a long persecution of Xakriabá's culture and its original language, AkwĒ, from the Macro-Jê trunk. This paper discusses the strategies for revitalizing AkwĒ undertaken by the Xakriabá

people, focusing on chants, the most vital locus of the language. In the first session, we approach Xakriabá's history and original language persecution; next, we present the revitalization strategies adopted; in the third part we transcribe five chants in Akwẽ so that in the last session we present some reflections about the role of chants and spirituality in the revitalization of indigenous languages. This essay is the result of a combination of our previous work, carried out using the ethnographic method, which includes participation in activities in the Xakriabá territory, interviews and bibliographical research.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

O território Xakriabá está localizado no município de São João das Missões, região norte de Minas Gerais. Essa região sofreu, desde o fim do século dezessete, com uma forte presença missionária e de colonização da terra, que ensejaram uma longa perseguição à cultura Xakriabá e à sua língua originária, o akwẽ, do tronco linguístico macro-jê. Este trabalho discute as estratégias de retomada da língua akwẽ pelo povo Xakriabá, com foco no papel dos cantos nesse processo. Na primeira seção, abordamos a história Xakriabá e a perseguição da língua originária; na segunda parte, discutimos as estratégias de retomada adotadas; posteriormente, apresentamos cinco cantos em akwẽ e, por fim, algumas reflexões sobre a presença dos cantos e da espiritualidade na revitalização de línguas indígenas. Este ensaio é fruto de uma junção entre nossos estudos, realizados a partir de pesquisas com participação em atividades no território Xakriabá, entrevistas e consulta à bibliografia pertinente.

PALAVRAS-CHAVE

Xakriabá; Akwẽ; Revitalização Linguística; Línguas Indígenas; Macro-Jê.

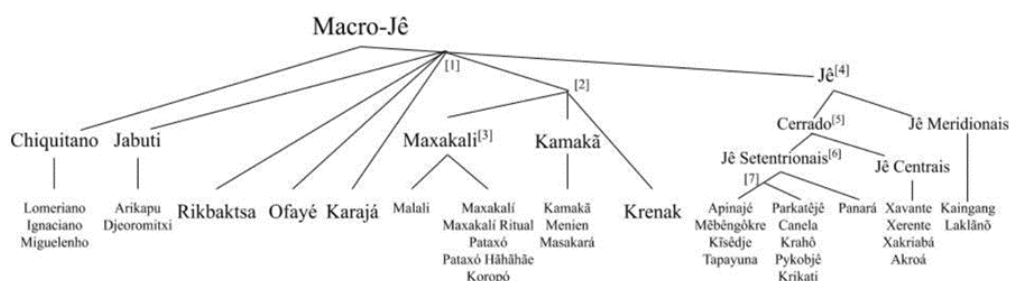
KEYWORDS

Xakriabá; Akwẽ; Linguistic Revitalization; Indigenous Languages; Macro-Jê.

OS POVOS AKWĒ UMA LÍNGUA ADORMECIDA

Em uma região de paisagem semiárida do cerrado norte mineiro, cerca de 11 mil pessoas do povo Xakriabá vivem nas Terras Indígenas Xakriabá e Xakriabá Rancharia, localizadas no município de São João das Missões. A área homologada advém de uma doação realizada em 1728 por Januário Cardoso, chamado nos documentos históricos de “deministrador dos índios”. Especula-se que esta tenha sido uma recompensa pela aliança instituída para a expulsão dos Kayapó da região e a formalização do território também foi um modo de referendar a autoridade colonial e restringir a mobilidade da população originária, visto que a certidão de doação indicava castigos a serem aplicados e instruções para que fossem recolhidos os que “andassem por fazendas alheias” (Santos,1997; Paraíso,1987). O território ocupado tradicionalmente pelos Xakriabá era bem mais extenso, englobando, pelo menos, outras regiões dos atuais estados de Minas Gerais, Goiás e Tocantins (Silva, 2010).

Durante o século XVIII ainda existiam grupamentos Xakriabá próximos aos povos Xerente, Xavante e Akroá, descritos por alguns pesquisadores como “povos irmãos”, por suas afinidades linguísticas e culturais. Naquele tempo, os Akroá viviam entre a região dos rios Tocantins e São Francisco, os Xerente e Xavante no alto rio Tocantins e os Xakriabá dominavam o território das nascentes do rio Paranaíba até o médio São Francisco (Abreu, 1992). Esses três últimos povos, no entanto, não seguiam uma ocupação espacial rígida e apresentavam espaços de uso comum (Silva, 2010). Levando em conta a filiação linguística, Xerente, Xavante e Xakriabá têm como língua originária o akwĒ, da família Jê, tronco Macro-jê (Teixeira, 2000) e são chamados em alguns estudos de povos akwĒ. O tronco Macro-jê compreende as famílias Chiquitano, Jabuti, Rikbaktsa, Ofayé, Karajá, Maxakali, Kamakã, Krenak e Jê e o akwĒ Xakriabá faz parte do subgrupo dos Jê Centrais, conforme podemos observar no quadro abaixo:



Fonte: Nikulin (2019, p. 273).

As relações com os Xerente e os Xavante, que são fluentes em suas línguas, são um elemento importante para a retomada do akwĒ Xakriabá, que esteve por muito tempo “adormecido”, devido a um longo processo de perseguição. O povo Xakriabá foi alvo de ataques por parte dos colonizadores

desde 1690, quando se iniciou a empreitada do genocida Matias Cardoso para tomar o médio e alto São Francisco. No início do século dezoito também foram alvo da Igreja Católica através da instalação da Missão do Sr. São João do Riacho do Itacarambi (Baeta, 2000). É difícil precisar o impacto que a colonização e as missões tiveram sobre o uso da língua originária, mas ela sobreviveu. Após mais de um século de invasão, em 1819, Saint-Hilaire encontrou uma falante de akwẽ na região de São João das Missões e fez um glossário com suas palavras (Saint-Hilaire, 1937). Ao longo do tempo, muitas pessoas dão notícia de falantes do akwẽ, com a ressalva de que estes procuravam esconder seus conhecimentos pelo temor de sofrerem represálias.

Já no século XX, as disputas pelo território foram intensas. Em 1926, fazendeiros invasores construíram um curral em local sagrado, que foi incendiado em forma de resistência, desencadeando uma série de violências contra os Xakriabá (Silva, 2018). Outro marco na história de luta pela terra foi a década de 1980, no período conhecido como “Guerra do Sapé”, que culminou no assassinato das lideranças Cacique Rosalino Gomes de Oliveira, Manuel Fiuza da Silva e José Pereira Santana, em 12 de fevereiro de 1987 (Fernandes, 2020). A Terra Indígena Xakriabá foi homologada naquele mesmo ano e somente em 2003 foi homologada a área contígua, denominada Terra Indígena Xakriabá Rancharia.

Devido a todos esses conflitos, durante muito tempo, ostentar qualquer traço cultural indígena, especialmente falar a língua, poderia significar um grande risco e até mesmo uma sentença de morte. Célia Xakriabá, refletindo sobre o preconceito sofrido por seu povo, aponta que as pessoas que exigem que um povo indígena fale sua língua desconsideram toda a política de extermínio linguístico ocorrida no Brasil e sentenciam que “não é exatamente uma cultura, uma língua, que vai sustentar um território, mas, na verdade, é todo o território que sustenta uma cultura, uma língua e uma tradição” (Comunicação oral, 2022).

Apesar de toda a história de silenciamento, o akwẽ jamais desapareceu por completo no povo Xakriabá, em parte resguardado pelo *segredo*. Ele é a língua dos encantados, assunto sobre o qual não nos estenderemos em detalhe devido às restrições impostas pelo tema. Citamos, apenas, um trabalho publicado em 1983, no qual o antropólogo Mariz (1983) discorre sobre Estevão Gomes, importante liderança espiritual, que sabia falar plenamente a língua e a utilizava para se comunicar em rituais. O pajé José Araújo de Souza, conhecido como Déda ou Sirêpté, também relata que sua tia-avó e sua avó conversavam em uma língua diferente, que não utilizavam na frente das outras pessoas. Por fim, há relatos de que a anciã Dejanira Xakriabá, falecida em 2007, sabia a língua originária, que ensinou a seus filhos, entre eles o Sr. Jair Xakriabá, que empreendeu junto com sua família um intercâmbio com o povo Xerente no ano de 2010.

Muitas línguas indígenas dadas como extintas passaram por processos semelhantes de apagamento e agora estão em processos de retomada; alguns exemplos são o Patxohã, do povo Pataxó, o Dzubukwá, nos Kariri-Xocó e nos Truká, e o Tupi por parte dos Potiguara, dos Tabajara e dos Tremembé (Franchetto, 2020). Neste ensaio, discutimos a retomada do akwẽ xakriabá, com

foco no papel dos cantos nesse processo. O texto que apresentamos é fruto de uma articulação entre nossas pesquisas, realizadas no período de 2018 a 2023. A pesquisa empreendida em 2018 pelo autor Manoel Antônio Silva conta com sua experiência como professor indígena Xakriabá e a autora Ana Paula Rodrigues realizou trabalho de campo dentro e fora do território Xakriabá durante o ano de 2022 e 2023, com cerca de 4 meses em campo. A autora também acompanhou as discussões dos estudantes Xakriabá no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais entre 2017 e 2019. Os dados apresentados aqui são frutos de observações realizadas em campo, conversas, pesquisa bibliográfica e entrevistas feitas com pessoas chave no processo de retomada da língua, como anciãos, professores de cultura, lideranças, jovens engajados na luta, entre outros.

1. A RETOMADA LINGUÍSTICA NO TERRITÓRIO XAKRIABÁ

Grenoble e Whaley (2006, *apud* Amaral, 2020) apontam que o reequilíbrio das forças envolvidas na perda linguística é de suma importância para que se articulem empreendimentos de revitalização; não é à toa que a maioria deles tiveram início no século XXI, na esteira do fortalecimento dos movimentos indígenas. No caso brasileiro, a constituição de 1988 é um importante marco para o estabelecimento dos direitos dos povos originários, bem como o artigo 78 da LDB 9394, de 1996, que garante uma educação escolar indígena intercultural e *bilíngue*. Segundo Rafael Santos (2010), ainda no ano de 1996, no processo de implantação das escolas indígenas mineiras, quando foi escolhida a primeira turma Xakriabá para cursar o programa de Magistério Indígena, a retomada do *akwẽ* foi bastante discutida.

A primeira ação realizada pelos professores Xakriabá para a retomada da língua foi uma pesquisa no território em busca de anciãos falantes, mas estes eram receosos, sendo muito difícil fazer com que assumissem seus conhecimentos. Rapidamente, a espiritualidade se fez presente e o professor Almeida começou a empreender um projeto de gravar as palavras em *akwẽ* recebidas através de outro professor, que as proferia em momentos de transe gerados por uma doença que o acometeu (Santos, 2010). Como fruto da pesquisa, conseguiram registrar 32 palavras, que estão no livro “O Tempo passa e a história fica” (Xakriabá, 1997). A principal estratégia adotada a partir desse léxico foi a composição de músicas, muitas delas produzidas em conjunto entre os professores e seus alunos (Silva, 2018).

Neste primeiro momento, a retomada do *akwẽ* produziu outro impacto linguístico inesperado: a valorização do dialeto xakriabá, que faz parte do que chamamos de português indígena. Ao proceder às gravações das palavras de seu colega, Almeida percebeu que deveria gravar os mais velhos, suas vozes e modos de dizer, o que deu origem à caixa de literatura Xakriabá, que foi distribuída nas escolas e conta com um CD e diversos livros (Santos, 2010). Rafael Santos (2010) narra que muito

do registro de histórias, poemas e modos de falar no português Xakriabá se deu em meio ao processo de retomada da língua originária e em nossa pesquisa professores afirmaram ter percebido que se não valorizassem seu dialeto ele também poderia ser perdido, “como aconteceu com o akwẽ”.

Um segundo grande empreendimento de retomada linguística ocorreu em 2010, quando o cacique Domingos Nunes de Oliveira realizou o projeto de enviar uma família Xakriabá ao povo Xerente para que aprendessem a língua e a ensinassem para a comunidade. O intercâmbio durou até 2014 e os membros desta família são falantes fluentes de akwẽ, mas atualmente não moram no território Xakriabá. A ideia inicial era construir uma escola específica para o ensino do akwẽ, o que não foi possível, de modo que os conhecimentos adquiridos não foram repassados como previsto (Silva, 2018). Conforme relatado por diversos povos no evento Viva língua Viva (2022), algumas estratégias de revitalização não logram êxito, entretanto inúmeras iniciativas estão sendo tomadas para a retomada do akwẽ Xakriabá e consideramos que muitos ganhos já foram atingidos, como o uso da língua em momentos de celebração e o aumento do status da língua originária e do dialeto em português indígena.

Atualmente, alguns jovens procuram conversar em akwẽ em seus encontros ou interações online, e, em 2018, foi incorporado o ensino da língua nas escolas do território. Este já ocorria nas aulas de cultura, mas agora existe uma disciplina específica, uma vez por semana, nas turmas de ensino médio. Alguns materiais didáticos são confeccionados pelos próprios professores; um livro está sendo preparado em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais e o pesquisador externo Dener Mendonça criou um vocabulário online do akwẽ em conjunto com professores xakriabá¹. O professor de cultura e pajé Déda (Sirêpitê), principal referência para a língua no território, repassa seus conhecimentos a outros professores informalmente ou em aulas e há uma grande troca de saberes e materiais entre os professores de cultura e de akwẽ, que circulam entre as aldeias em busca de informações. Nas universidades, pesquisadores Xakriabá estão realizando pesquisas sobre a retomada linguística, principalmente em cursos de licenciaturas indígenas (cf. Mota, 2020; Silva, 2018; Abreu, 2016).

Até o momento, catalogamos as seguintes iniciativas de revitalização linguística entre os Xakriabá: 1) Pesquisas realizadas por iniciativa do povo Xakriabá dentro do território; 2) Intercâmbio com o povo Xerente; 3) Implementação das aulas de akwẽ nas escolas; 4) Uso da língua em plataformas digitais como whatsapp e instagram; 5) Estudos realizados por pesquisadores Xakriabá no contexto universitário; 6) Confeção de materiais didáticos para as escolas; 7) Formação de professores; 8) Construção de vocabulário em site com parceiros externos; 9) Composição de músicas; 10) Uso das músicas em akwẽ nos rituais religiosos, manifestações políticas, encontros

1 Site Palavras Indígenas: <https://palavrasindigenas.com.br/> (último acesso em 25/01/2023).

culturais, entre outros momentos, dentro e fora do território. No que tange à comunidade de falantes que está sendo criada, as crianças são o ponto chave da retomada e muitas já sabem frases e cantos na língua. Grupos mobilizados politicamente, como a organização da juventude que trabalha em parceria com caciques e lideranças, também estão ativos e envolvidos no processo.

Os cantos são o principal lócus de vitalidade do akwẽ Xakriabá. A língua originária ainda não é falada de maneira fluente, no entanto é inegável que ela é *cantada* por muitos. O Pajé Déda foi um dos principais agentes desta retomada e seu nome indígena, Sirêpté, vem deste legado: é o nome de um canário da terra que espalha suas sementes por onde passa, sempre cantando. Sirêpté conta que recebeu esse nome porque, devido a seu ofício de pajé, sempre percorreu as mais diversas aldeias e, como o pássaro, espalhava por onde passava suas sementes de língua, os cantos em akwẽ. Ele visava, sobretudo, as crianças, após perceber que “as crianças brincam, e brincando aprendem tudo”.

Abaixo, reproduzimos cinco cantos, compostos por diversas pessoas, transcritos em trabalho anterior de um dos autores (Silva,2018), de modo que a leitora possa conhecer um pouco mais da língua akwẽ xakriabá. Salientamos que a escrita desta língua ainda está em processo de definição e alguns cantos possuem restrições e só podem ser entoados por pessoas preparadas, em momentos e lugares específicos. As traduções são complexas, tanto por se tratar de uma língua em retomada, quanto por motivos de ordem espiritual, por isso apresentaremos apenas as versões originais. Os três primeiros cantos são orações, cantadas para a abertura dos rituais, como forma de pedir licença. O canto número 4 é uma forma de buscar força e o quinto traz o nome de espécies de abelhas encontradas no território, além de um agradecimento a Deus pelos adereços tradicionais como o cocar, a saia de palha e o arco e flecha.

2. CANTOS EM AKWË XAKRIABÁ

AKWEM HUMINIXÃ TONEGRY

1. HUMINIXÃ, HUMINIXÃ KANKEHE NAKOAK

BUKINUK ETYKE (bis)

HUMINIXÃ BAIKONG BIKONG (bis)

OAYTOMORIM KANKEHE AMIOÁ (bis)

2. WYKITU WYKITU WYKITU (bis)

INTSCHE TONEGRY TONEGRY (bis)

WYKITU ESTRSGÓ OÁ

TICÁ AKWÃ WYKITU (bis)

3. WYKITU INTSCHE DEGRÃ (bis)

WYKITU WYKITU (bis)

WYKITU DAGRY AMBÁ OIPREDÉ (bis)

KURINÃ WYKITU HÖHÖÖÖÖ (bis)

4. TENEOKÃNÃK DUÃ NAYGRÁ (bis)

DEIN KEHÉ DUÃ HUNINIXÃ (bis)

DOÃ FOI KIM HÖHÖHÖHÖ (bis)

5. NANDOÃ HÃ (bis)

HUMINIXÃ HÃHÃ NANDOÃ (bis)

HARUÁ MUNDURY MANDASSAIA URUÇU

RAIZ DE IMBU NANDOÃ JATAI (bis)

AHIANTÃ KANKEHE AKWÃ

3. CANTOS, ESPIRITUALIDADE E RETOMADAS DE LÍNGUAS INDÍGENAS

A difusão dos cantos em akwẽ xakriabá aumenta o status da língua originária, bem como possui grande impacto na afirmação da identidade dentro e fora do território. A importância dos cantos, contudo, vai além: em diversas culturas, indígenas ou não, eles são essenciais para a conexão com o mundo espiritual. No caso dos povos indígenas no Brasil, a relação entre cantos e espiritualidade é generalizada, o que fica explícito quando pensamos nos exemplos do xamanismo e do Toré. Como afirma Rosângela de Tugny (2018), os xamãs transitam entre mundos e tempos diversos - “quando humanos e animais ainda se falavam” - em uma espécie de terreno tradutório “sempre cantado” (Tugny, 2018, p. 25). Já o Toré, bastante presente entre povos indígenas do Nordeste e no povo xakriabá, consiste em um ritual baseado na dança, no canto e em uma variedade de segredos que, no caso xakriabá, permitem o contato com os espíritos dos antepassados e também com a grande protetora Iaiá Cabocla (Abreu, 2016). A retomada linguística tem um valor espiritual próprio, pois a língua akwẽ é a língua dos ancestrais, encantados, fazendo com que os cantos nessa língua possuam uma força especial. De modo geral, os cantos promovem uma força maior do que a fala porque, na maioria das vezes, falamos individualmente, mas podemos cantar *em conjunto*.

Os cantos indígenas não se limitam às celebrações religiosas, eles “sustentam a luta”. Em sua dissertação de mestrado, Célia Xakriabá (2018) cita o episódio ocorrido em 2018 no Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília, quando policiais avançaram sobre o povo de maneira truculenta e as mulheres Guarani começaram a entoar seu canto de reza de fogo, tocando o maracá. “Foi um dos momentos mais marcantes no movimento indígena para mim”, relembra, “porque naquele momento começou a chover apenas no local em que estava acontecendo o ATL” (Correa, 2018, p. 93 e 24). Sobre a espiritualidade dos povos indígenas, a antropóloga continua:

Muitas vezes as pessoas não indígenas não acreditam na nossa espiritualidade, mas nós só conseguimos avançar na luta por conta da nossa força da espiritualidade, certamente quando estamos no ATL, não estão somente presentes quatro mil indígenas, também se fazem presentes milhões de indígenas com enorme força ancestral, que foram tombados, vítimas do genocídio do Estado brasileiro. Estão conosco também, além dos que já se foram, os que ainda virão (Xakriabá, 2018, p. 95).

As retomadas linguísticas são, justamente, um elo entre os que vieram antes e os que estão por vir, pois a esperança é de que as próximas gerações falem a língua dos ancestrais. Estes se fazem presentes de forma ativa em diversas retomadas, inspirando cantos nas línguas originárias, por exemplo. Txâma Puri conta que, entre seu povo, os “*kanaremundé*”, cantos rituais, foram o ponto inicial da retomada da língua originária e, por serem uma forma de comunicação com os *taheantah* (espíritos), eles não são compostos, mas recebidos pelas pessoas que foram inspiradas a cantá-los pela primeira vez (Puri, 2021). Entre os Xakriabá, também são recebidos cantos em akwẽ, algumas vezes através de sonhos. Além de estar presente nas retomadas, a espiritualidade foi essencial no resguardo do que ficou de algumas línguas, que sobreviveram parcialmente em palavras e frases usadas em rituais *sagrados* e *secretos* (cf. Kariri-Xocó *et al.*, 2020). Agora, estas línguas vêm a público, em um processo afirmativo de contra-colonização (Santos, 2007) e de cura².

No ano de 2022, Célia Xakriabá, eleita primeira deputada federal indígena por Minas Gerais, espalhou cantos em akwẽ por todo o estado para plateias lotadas, como na abertura do show do artista Gilberto Gil no Estádio Mineirão. Célia e muitos outros têm cantado em um idioma tão perseguido que, no passado, pessoas tiveram suas línguas cortadas apenas por utilizá-lo. Mesmo tendo sido arrancado, até de maneira literal, de tantas bocas, o akwẽ é resistente, como os Xakriabá, um povo do cerrado. No tempo da seca, o cerrado parece morto, os galhos escuros das árvores retorcidas ficam quase sem folhas, a poeira cobre a vegetação na beira das estradas e o céu é de um azul inteiro, sem nuvens. No entanto, bastam as primeiras chuvas para que a paisagem se enverdeça e o bioma mostre sua vida, que, na verdade, nunca o deixou. Muitas línguas foram perseguidas no território que hoje chamamos de Brasil, estima-se que 80% delas foram perdidas (Franchetto; Balykova, 2020), porém muitas sobreviveram em segredo, mesmo que de maneira parcial, e agora florescem. Que se aproxime para o akwẽ e para todas as línguas indígenas o tempo das águas.

2 No Canadá, mais de 150 mil crianças indígenas foram afastadas de suas famílias e colocadas em instituições de ensino que proibiam suas línguas e culturas. Levando em conta esse processo, citamos a fala de um estudante que participou de uma iniciativa de retomada linguística do povo Mohawk: “A língua é a base de cura/cicatrização do nosso povo. Eu presenciei isso. Você pode ver o mundo de uma forma diferente com a língua. Quando você tenta descrever algo em Mohawk, você pensa nesta coisa de uma forma completamente diferente na língua. É neste lugar que a cultura vive, na língua” (Maracle, 2002, p. 399, *apud* Lima, 2020, p.07).

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Esta pesquisa foi financiada com a Bolsa Permanência para estudantes indígenas do Ministério da Educação, bolsa de doutorado da Agência de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEs, com incursões a campo apoiadas pela fundação Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. Agradecemos a essas instituições.

AVALIAÇÃO E RESPOSTA DOS AUTORES

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2024.V5.N1.ID691.R>

Resposta dos Autores: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2024.V5.N1.ID691.A>

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística, Campinas*, v. 1, n. 3, p. 1-49. 2020.

ABREU, Jan Carlos Pinheiro de. *Cantos tradicionais do povo Xakriabá*. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura, 2016.

ABREU, Eurípedes B. F. *Contatos interétnicos em Goiás colonial*. 216 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) ICHL/UFG, Goiânia, 1992.

BAETA, Alenice Motta. Aspectos do processo de contato entre colonizadores e grupos indígenas no norte de Minas Gerais-Região do Vale do Rio Peruaçu. *Cadernos de História*, v. 5, n. 6, p. 47-56, 2000.

Correa, Célia Nunes (Célia Xakriabá). *O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria xakriabá: Reativação da memória por uma educação territorializada*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2018

FRANCHETTO, Bruna. "Língua (s): cosmopolíticas, micropolíticas, macropolíticas." *Campos-Revista de Antropologia* 21.1: 21-36. 2020.

FRANCHETTO, Bruna, e Kristina Balykovare. *Índio não fala só tupi: Uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

KARIRI-XOCÓ, I; KARIRI-XOCÓ, N.; NELSON, D.; PITMAN, T. A retomada da língua kariri-xocó. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, p. 01- 13. 2020.

PARAÍSO, Maria Hilda. *Identidade Étnica dos Xakriabá*. Brasília: FUNAI, 1987.

LIMA, S. Language Maintenance And Revitalization In Canada. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, p. 01-15, 23 Dec. 2020.

MARIZ, Alceu Cotia et alli. *Relatório de Viagem à Área Indígena Xakriabá*. FUNAI, Brasília, 1982.

NIKULIN, Andrei. Estudos diacrônicos de línguas indígenas brasileiras: um panorama. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli* | V.8., N.2., JUL-DEZ. p. 255-305. 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio S. Francisco pela província de Goyaz*. Trad. Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SANTOS, Ana Flávia Moreira. *Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra indígena Xakriabá: as circunstâncias da formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras*. Dissertação de Mestrado em Antropologia ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 1997.

SANTOS, Antonio Bispo. *Quilombos, Modos e Significados*. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2007.

SILVA, Manoel Antônio de Oliveira. "A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta": a história da língua Akwén do Povo Xakriabá. 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Habilitação em Matemática. 2018.

SILVA, Cleube Alves da. *Confrontando mundos: os Xerente, Xavante, Xacriabá e Akroá e os contatos com os conquistadores da Capitania de Goiás (1749-1851)*. [Dissertação de mestrado.]. UFGD, 2006.

PURI, Txâma Xambé, Tutushamum Puri, and Xindêda Puri. "Kwaytikindo: retomada linguística Puri." *Revista Brasileira de Línguas Indígenas* 3.2: 77-101. 2021.

TEIXEIRA, Rachel F. A. *As línguas indígenas no Brasil*. In. SILVA, Aracy L.; GRUPIONI, Luiz. (Orgs.) A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º. e 2º. graus. 3ª. ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC; MARI; UNESCO, 2000.

TUGNY, Rosângela Pereira de. Eventos de tradução nos cantos-rituais ameríndios. *caleidoscópio: literatura e tradução*, v. 2, n. 2, p. 24-47. 2018.

FERNANDES, Juliana Ventura de Souza. *A "Guerra dos 18 anos": repertórios para existir e resistir à ditadura e a outros fins de mundo: uma perspectiva do povo indígena Xakriabá e suas cosmopolíticas de memória*. 332 f. Tese (doutorado) -Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.2020.

XAKRIABÁ, Professores. *O tempo passa e a história fica*. Belo Horizonte: SEE-MG; MEC, 1997.